

## BALBÚRDIA de quem? Um estudo sobre gênero e raça em uma revista de divulgação de pesquisas educacionais

*Who makes BALBÚRDIA? A study on gender and race in educational research communication magazine*

---

**Caio Ricardo Faiad**

ORCID: [0000-0002-7741-3407](https://orcid.org/0000-0002-7741-3407)

**Daiane Mendes de Barros**

ORCID: [0000-0002-8486-8047](https://orcid.org/0000-0002-8486-8047)

**Luciene Fernanda da Silva**

ORCID: [0000-0001-8442-5257](https://orcid.org/0000-0001-8442-5257)

**Anderson Ricardo Carlos**

ORCID: [0000-0002-5027-7118](https://orcid.org/0000-0002-5027-7118)

**Caian Cremasco Receputi**

ORCID: [0000-0002-4068-5548](https://orcid.org/0000-0002-4068-5548)

## Resumo

Pode-se considerar a divulgação científica como um instrumento para construção democrática, uma vez que uma de suas atribuições é popularizar os saberes e valores de ciência e democracia. Contudo, a ciência moderna é forjada na noção de poder europeu sobre o mundo na forma de homens cisgêneros, heterossexuais e brancos. Portanto, devemos nos perguntar se há democracia na divulgação científica quando dissemina essa disputa de poder, cuja marca é o apagamento de grupos e sujeitos marginalizados (negras(os), mulheres, povos indígenas). Criada pelos discentes do PIEC-USP em um contexto de enfrentamento às pautas reacionárias no Ministério da Educação do governo Bolsonaro, a Revista BALBÚRDIA se preocupa com a divulgação da cultura científica, mais especificamente, relacionada à Educação e ao Ensino de Ciências, realizada de forma intrínseca a pautas políticas progressistas. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é lançar um olhar autoavaliativo para desvelar a representatividade de raça e gênero na BALBÚRDIA - Revista de Divulgação Científica dos Discentes do PIEC-USP. Como conclusão do trabalho, temos que o universo do PIEC-USP ecoa na BALBÚRDIA e explica o sucesso na representatividade de gênero e a limitação na representatividade racial de negros(as).

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências; divulgação científica; diversidade; representatividade.

## Abstract

*Scientific communication can be considered an instrument for democratic construction, as one of its roles is to popularize the knowledge and values of science and democracy. However, modern science is shaped by the notion of European power over the world, embodied by cisgender, heterosexual, and white men. Therefore, we must question whether there is democracy in scientific communication when it perpetuates this power struggle, which erases marginalized groups and individuals (Black people, women, indigenous peoples). Created by PIEC-USP, in response to reactionary agendas in the Ministry of Education under the Bolsonaro government, BALBÚRDIA journal (that means, in Portuguese, chaos) is concerned with the dissemination of scientific culture, specifically in relation to Education and Science Education, intrinsically linked to progressive political agendas. In this sense, the objective of this work is to take a self-assessment look to unveil the representation of race and gender in BALBÚRDIA - Science Communication Journal of PIEC-USP students. As a conclusion of this work, we find that the PIEC-USP universe resonates within BALBÚRDIA and explains the success in gender representation and the failure in racial representation of Black individuals.*

**Keywords:** Science education; science communication; diversity; representation

## 1. Introdução

Ramalho (2018) define a divulgação científica como o processo de difundir informações científicas para a sociedade em geral. Já Albagli (1996) complexifica essa noção discutindo que a intencionalidade da divulgação científica pode ser orientada, pelo aspecto educacional, pelo dever cívico e pela necessidade de mobilização popular. Na perspectiva educacional, o objetivo da divulgação científica se alinha à Ramalho (2018), por conta da ideia de ampliação do conhecimento científico por um público geral. A perspectiva cívica abrange a necessidade do debate público ser baseada no conhecimento científico e tecnológico. Já a intencionalidade da divulgação científica dentro de um processo de mobilização popular se refere à ampliação da possibilidade da ciência ser considerada na formulação de políticas públicas.

É nesse contexto de divulgação científica, com a intencionalidade de pautar o debate público e de construir uma mobilização popular, que Valério e Bazzo (2005) discutem, a partir dos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) e da noção de “sociedade de risco”, a importância dos cidadãos influenciarem e exercerem controle sobre as inovações científicas e tecnológicas. Para os autores, uma divulgação científica de qualidade se torna um instrumento reflexivo sobre as relações entre ciência, tecnologia e sociedade, uma vez que:

Responsabilizando-se por democratizar os saberes e valores da C&T, promover uma alfabetização científica/tecnológica numa perspectiva crítica e fomentar a inserção política dos cidadãos nas tomadas de decisão, a divulgação [científica] adquire agora uma importância ímpar na construção de uma sociedade democrática e que recoloca a C&T ao seu favor (Valério; Bazzo, 2005. p. 9).

Ainda pensando na divulgação científica como instrumento da democracia, Bárbara Pinheiro e Dalmo Oliveira retomam Barros (1992) que defende a ideia de que “divulgar ciência não é apenas abordar conceitos abstratos de maneira simples, mas uma escolha sobre o que divulgar” e complementam: “a escolha sobre ‘o que divulgar’ faz parte de uma disputa política e epistemológica por uma leitura de Ciência como construção humana e permeada por relações de poder” (Pinheiro; Oliveira, 2019, p 2). Essa problematização tem no cerne uma reflexão sobre como a ciência moderna europeia, construída dentro do sistema capitalista, produz e reproduz a “noção de poder europeu sobre o mundo na forma de homens cisgêneros, heterossexuais e brancos” (Pinheiro; Oliveira, 2019, p. 4).

Alicerçados no pensamento decolonial (Quijano, 2005; 2010), esses autores irão compreender o potencial democrático da divulgação científica a partir de um questionamento sobre sua perspectiva neutralizante, tal qual propôs a pesquisadora Graça Caldas (Caldas, 2010). Dessa forma, ao compreender a construção da ciência a partir das disputas de poder, “marcada pelo apagamento de grupos e sujeitos postos à margem - negras(os), mulheres, povos indígenas”,

é preciso se comprometer politicamente na produção de uma “divulgação científica que exerça amplamente a sua função democrática” (Pinheiro; Oliveira, 2019, p. 8).

Na história recente do Brasil, entre os anos de 2016 e 2022, presenciamos um contexto de forte ataque ao saber especializado e ao empreendimento científico, com constantes cortes orçamentários aos diferentes níveis da Educação, além da difamação de sua imagem (Leher, 2019). É nesse contexto histórico e com as perspectivas que colocam a divulgação científica na esfera da mobilização popular (Albagli, 1996) e da função democrática (Pinheiro; Oliveira, 2019) que a Revista BALBÚRDIA foi criada como uma forma de resistência e de disputa sobre a importância do empreendimento científico e do saber especializado nas áreas da Educação e do Ensino de Ciências. Assim, a revista surge com o propósito de enfrentar o negacionismo científico relacionado à pesquisa educacional e reinterpreta o termo “balbúrdia” usado como critério técnico pelo ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, para justificar os cortes orçamentários das universidades públicas no ano de 2019 (Agostini, 2019).

A Revista BALBÚRDIA (ISSN 2763-8499) é uma revista de divulgação científica que tem como foco a apresentação de pesquisas da área de Ensino de Ciências e discussões políticas sobre Educação e Ciência. Os textos são publicados no [site da revista](#) e organizados em um número digital semestral que é disponibilizado para download gratuito. Até o momento, publicamos cinco números. A Equipe Editorial é formada por discentes e egressos do Programa Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo (PIEC-USP), e nos organizamos em um coletivo de forma autônoma, voluntária e horizontal, buscando, portanto, não apenas defender a democracia, mas exercê-la internamente no veículo de divulgação científica.

### **1.1. Disparidades de raça e gênero nos âmbitos educacionais**

Estudos têm identificado a existência de desigualdades entre homens e mulheres e entre brancos e negros em diversos espaços educacionais. Por meio de uma ampla revisão bibliográfica, Edimara Ferreira, Karla Teixeira e Marco Ferreira investigaram, em específico, as Instituições de Ensino Superior (IES). As autoras e o autor identificaram que “o ambiente universitário foi construído como um espaço de segregação racial, em que é frequente a invisibilidade da mulher negra na docência universitária de instituições de ensino públicas e privadas” (p. 306), tendo-se alguns dados para sustentar tal afirmação, por exemplo, o percentual de docentes negros e negras, respectivamente, em algumas IES é de: i) na Universidade de Brasília (UNB): 7% do corpo docente era constituído de mulheres negras, 9,8% de homens negros, 28% mulheres brancas, 32% homens brancos e 23,2% de docentes que não quiseram informar o quesito cor/raça; ii) na Universidade Federal da Bahia (UFBA) os docentes negras e negros, relativo à duas áreas de conhecimento analisadas, correspondiam a somente 18,85% do total de docentes, sendo

38,58% professoras brancas e 42,57% professores brancos (Ferreira; Teixeira; Ferreira, 2022). Esses resultados apontam para um ambiente acadêmico predominantemente masculino, marcado pela ausência ou quase inexistência de docentes negros e negras nas IES, indicando que gênero e raça, enquanto construções sociais e históricas, condicionam a participação das mulheres negras na docência superior (Ferreira; Teixeira; Ferreira, 2022).

Também no âmbito do ensino superior, Ulisses Cunha, Cynthia Miranda e Magale Rambo propuseram um levantamento estatístico para avaliar a disparidade de gênero, especificamente na área de Ciências Exatas e Tecnologias, historicamente com pouca participação de mulheres. As autoras e o autor avaliaram várias instâncias do ensino superior, desde graduação, iniciação científica, mestrado, doutorado até bolsistas de produtividade, em um estudo de caso na Universidade Federal de Tocantins. Os resultados mostraram um quantitativo maior de docentes homens, mesmo nos programas onde a presença das discentes mulheres era significativamente maior. Ainda assim, os dados também mostraram uma tendência de avanço. No caso da sondagem dos bolsistas de produtividade, ainda que predominantemente masculina, é apontada uma mudança de cenário, a partir de uma ampliação da presença das mulheres (Cunha, Miranda, Rambo, 2020).

Na divulgação científica, Renata Fontanetto indicou, em sua pesquisa, que vídeos de canais do YouTube que tratam de trajetórias acadêmicas e profissionais de mulheres na Ciência e de preconceitos enfrentados por cientistas homens e mulheres negros têm potencial para estimular debates sobre desigualdades, racismo, sexismo, representatividade, entre outros (Fontanetto, 2021). Ela ressalta, ainda, que

pautar uma divulgação científica a partir de diferentes socializações e vivências, com ênfase nos marcadores de gênero e raça, pode ser um primeiro caminho para atingir novos públicos on-line, assim como pode estimular narrativas que se aproximem da história de vida de jovens (Fontanetto, 2021, p. 167).

Essas disparidades não se limitam apenas aos espaços educacionais do Ensino Superior e à divulgação científica, mas também são refletidas na educação básica. Um exemplo é dado a partir das imagens trazidas nos materiais educacionais, como nos livros didáticos. Pesquisas indicam a ausência ou a sub-representação étnico-racial de pessoas negras em imagens de coleções didáticas elaboradas e distribuídas na rede pública do estado de São Paulo. Essas lacunas trazem como efeito a pressuposição de que pessoas negras não produzem conhecimento intelectual (Faiad; Rezende, 2021; Faiad; Lima; Rezende, 2019).

Especificamente, é imprescindível compreender como esse panorama de invisibilidade negra retrata um aspecto mais amplo do racismo em nossa sociedade. O filósofo e jurista Sílvia Almeida, no livro "Racismo Estrutural", ilustra como as estratégias racistas sistemáticas são

instituídas nos âmbitos políticos, sociais e econômicos. Essas táticas evidenciam como o racismo é visto como regra, e não como exceção. Por conseguinte, o autor reforça a necessidade de implementar propostas antirracistas, a exemplo de políticas internas institucionais de inclusão da diversidade (Almeida, 2019).

## **1.2. A perspectiva política da revista pelo apoio à diversidade e à educação pública**

O projeto da Revista BALBÚRDIA iniciou oficialmente em 2019 com o primeiro número lançado em 2020, ano em que os Institutos de Química, de Física e de Biociências da USP completaram 50 anos de existência. Em comemoração, abrimos os trabalhos com a entrevista da professora Maria Eunice Ribeiro Marcondes do Instituto de Química (IQ-USP) no número 1. No número 2, publicamos as entrevistas com a professora Maria Elice Brzezinski Prestes do Instituto de Biociências (IB-USP) e com o professor Alberto Villani do Instituto de Física (IF-USP).

Em sua entrevista cedida à BALBÚRDIA, Maria Elice Prestes resgatou sua trajetória no IB-USP, evidenciando algumas dificuldades de ser mãe na pós-graduação. O seu relato nos levou a refletir sobre a questão, já que até aquele momento, nenhum dos membros do corpo editorial tinha passado pela experiência da maternidade/paternidade. Com isso, decidimos dedicar o tema do número 2 às docentes e discentes mães do PIEC-USP.

Ao pensarmos na tarefa de conciliar a maternidade com a rotina tumultuada da vida acadêmica, nos sensibilizamos para a importância do assunto e passamos a refletir de modo objetivo sobre o espaço que destinamos às pesquisadoras na divulgação das produções científicas em Educação/Ensino de Ciências que executamos em nossa Revista.

Com os textos finalizados para serem publicados eletronicamente, iniciamos a etapa de diagramação e da produção da capa da revista. É nesse momento que passamos a perceber que a representação da pesquisadora mãe não poderia ser apenas de uma pessoa branca. Introduzimos na capa uma gestante e uma pesquisadora, ambas negras (Figura 1).



**Figura 1:** Capa do número 2 da Revista BALBÚRDIA.

Ao longo desses anos, publicamos números temáticos e para nos auxiliar no desenvolvimento de temas tão complexos, optamos, desde o primeiro número, por convidar professores e pesquisadores para contribuírem na forma de produção de textos ou de entrevistas. A partir do número 2, como relatado, percebemos que poderíamos estar expressando um viés implícito sobre a representatividade de raça e gênero dos(as) convidados(as) pela equipe, o que nos levou desde então a constantes reflexões sobre o perfil dos(as) convidados(as) e a ter um especial cuidado em relação ao conteúdo e à estética da revista.

A partir desse contexto de organização e desenvolvimento da revista, e considerando a relevância da temática, conforme apontado no preâmbulo deste trabalho, questionamo-nos sobre os marcadores sociais, mais especificamente de raça e gênero, dos(as) convidados(as) pela Revista BALBÚRDIA. Com isso, apresentamos duas perguntas: i) qual o perfil, em relação à raça e ao gênero, dos(as) convidados(as) pela equipe editorial da Revista BALBÚRDIA?; e ii) quais os desafios de buscar uma paridade de raça e gênero no âmbito da divulgação do Ensino de Ciências?

Portanto, guiados por essas indagações, o objetivo deste artigo é lançar um olhar autoavaliativo a partir de uma análise das nossas publicações para desvelar a representatividade de raça e gênero na BALBÚRDIA - Revista de Divulgação Científica dos Discentes do PIEC-USP.

## 2. Metodologia

Há quatro tipologias de textos principais publicados pela BALBÚRDIA: Texto de Divulgação Científica (TDC), Resenha, Espaço Aberto e Entrevista. Dentre estes, apenas a entrevista é realizada exclusivamente por nós da Equipe Editorial. Os demais textos são enviados livremente pelos divulgadores científicos. Uma vez que nosso objetivo é averiguar se o compromisso democrático estabelecido em relação à equiparação de raça e gênero está sendo cumprido pela Equipe Editorial, nos parece razoável analisar esses marcadores sociais apenas em relação aos textos dos quais temos total controle na produção, como as entrevistas.

Além dessas quatro tipologias de textos, há ainda o Espaço Docente e o Espaço do Egresso, onde docentes e egressos(as) do PIEC-USP são convidados(as) pela Equipe Editorial para escrever um texto em relação ao tema do respectivo número da revista. Uma vez que esses espaços passam pelo crivo da Equipe Editorial, eles também entraram no *corpus* de análise de gênero e raça dos(as) autores(as).

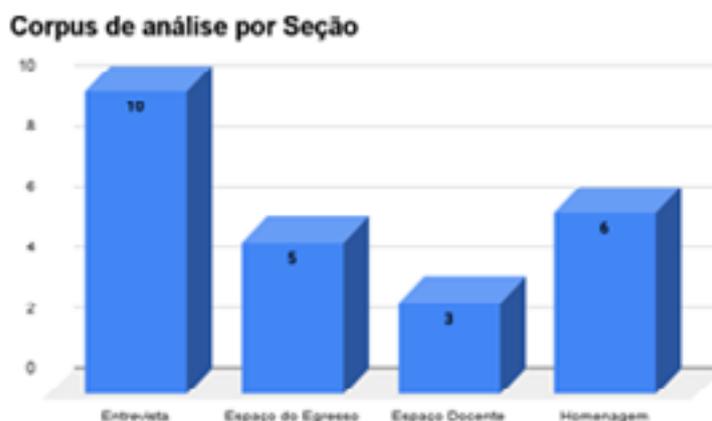
Por fim, a última seção da revista que passa pela decisão da Equipe Editorial são as Homenagens. Em alguns números, a Homenagem é coletiva, como no número 2, em que as homenageadas foram as mães pesquisadoras. Em outros números, as(os) homenageadas(os) são pesquisadoras(es) importantes no campo da Educação e/ou Ensino de Ciências, como o professor João Zanetic do IF-USP. Por isso, incluímos os(as) escolhidos(as) para serem homenageados(as) na análise de gênero e raça.

Em suma, para esta pesquisa, o *corpus* de análise corresponde aos(às) convidados(as) definidos pela Equipe Editorial nos cinco números da Revista BALBÚRDIA, publicados nas seções Homenagem, Entrevistas, Espaço Docente e Espaço do Egresso.

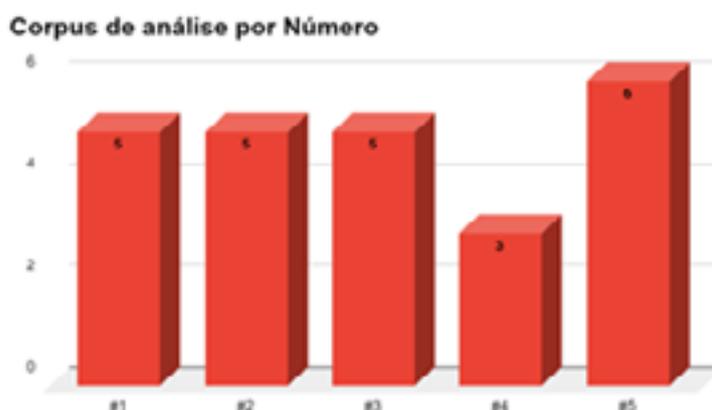
Uma vez selecionado o *corpus*, as imagens desses(as) convidados(as) foram analisadas considerando os marcadores sociais da diferença de raça e gênero. Para essas aferições foram considerados os pressupostos da heteroidentificação, isto é, da identificação, por terceiros, da raça e gênero de um indivíduo a partir de características fenotípicas que são determinantes nessa identificação. Em relação à classificação de raça foram adotados os critérios estabelecidos pelo IBGE, que consistem em seis opções: branco, amarelo, indígena, preto, pardo e outro. Como preto e pardo formam uma categoria única chamada negro, essa foi a única nomenclatura utilizada neste trabalho.

### 3. Resultados e Discussão

O *corpus* de análise desta pesquisa representa um total de 24 convidados pela Equipe Editorial. No Gráfico 1A é explicitada a distribuição nas seções da revista, sendo 10 na Entrevista, 5 no Espaço do Egresso, 3 no Espaço Docente e 6 na Homenagem. Já o Gráfico 1B apresenta os mesmos 24 convidados distribuídos por número da revista: 5 no número 1, 5 no número 2, 5 no número 3, 3 no número 4 e 6 no número 5.



**A**



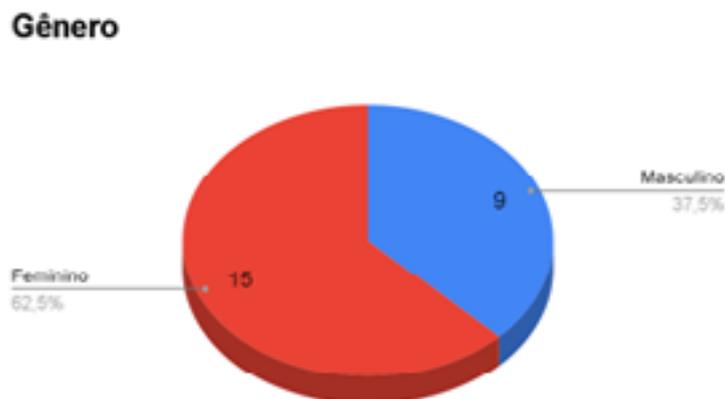
**B**

**Gráfico 1:** Distribuição dos convidados da Revista BALBÚRDIA: A - por seção; B - número.

Para compreender melhor a distribuição de raça e gênero dos(as) convidados(as) pela Equipe Editorial, iremos proceder a análise de maneira separada para elucidar como esses marcadores sociais da diferença estão distribuídos ao longo dos números e das seções da Revista BALBÚRDIA.

### 3.1. Análise de gênero nos números da BALBÚRDIA

A distribuição de gênero do *corpus* desta pesquisa está descrita no Gráfico 2 e como se observa, 15 dos(as) convidados(as) pela Revista BALBÚRDIA são do gênero feminino.

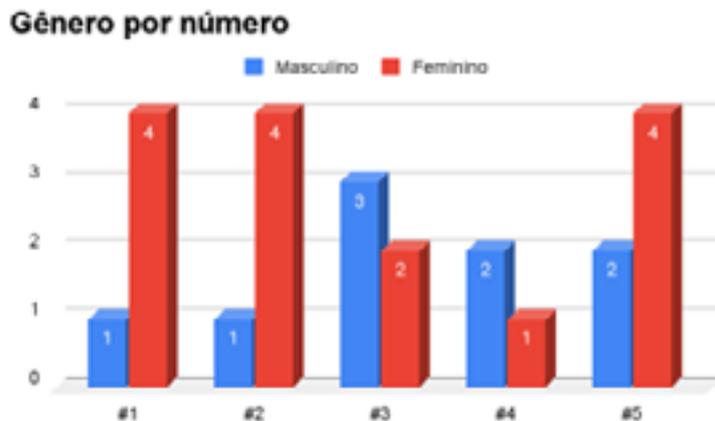


**Gráfico 2:** Distribuição dos(as) convidados(as) pela Revista BALBÚRDIA por gênero.

De acordo com os dados do PNAD de 2019, a população brasileira é composta por 48,2% de homens e 51,8% de mulheres (IBGE, 2020). Contudo, avaliamos que é importante pensarmos nos universos do PIEC-USP e da própria Revista para discutir os dados do Gráfico 2.

Atualmente, a Equipe Editorial da Revista BALBÚRDIA é composta por discentes de mestrado e doutorado e de egressos do PIEC-USP sendo 9 mulheres e 7 homens, portanto majoritariamente feminino. Quanto aos(as) pesquisadores(as) do PIEC-USP, nota-se o credenciamento de 23 orientadoras e 16 orientadores, ou seja, o programa também é composto majoritariamente por mulheres. O universo do PIEC-USP pode estabelecer um indicativo para o fato da Revista BALBÚRDIA ter um espaço de representação de mulheres pesquisadoras de acordo com a representação brasileira, isto é, representar a maioria dos convites pela Equipe Editorial da revista.

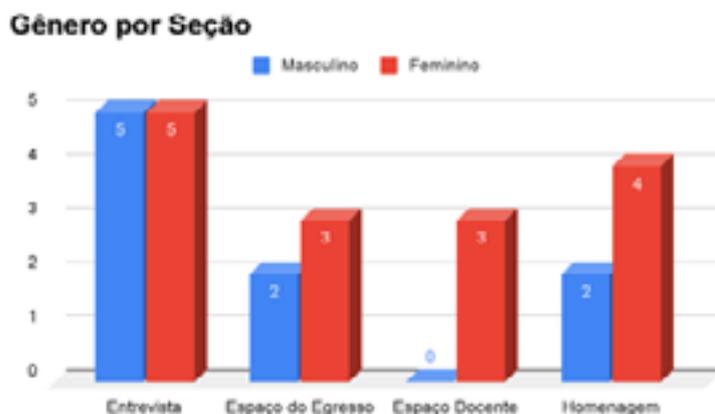
Ao organizar as informações de gênero por número da Revista BALBÚRDIA, temos a distribuição apresentada no Gráfico 3.



**Gráfico 3:** Distribuição do gênero dos(as) convidados(as) por número da Revista BALBÚRDIA.

A distribuição de gênero por seção da Revista BALBÚRDIA é apresentada no Gráfico 4. Na seção Entrevista, há uma equiparação de gênero dos(as) convidados(as). Como, se observa, são as seções Espaço do Egresso, Espaço Docente e Homenagem que puxam a tendência feminina nos convites da Equipe Editorial.

A ideia original da Equipe Editorial era que em todos os números houvesse um texto de docentes convidados(as) do Programa, contudo em dois números não foi possível publicar tais textos por declínio pelos docentes do PIEC-USP. Com isso, dos 5 números em 3 houve o aceite do convite: todas mulheres. Quanto à seção Homenagem, das quatro mulheres homenageadas, duas são docentes do PIEC-USP.



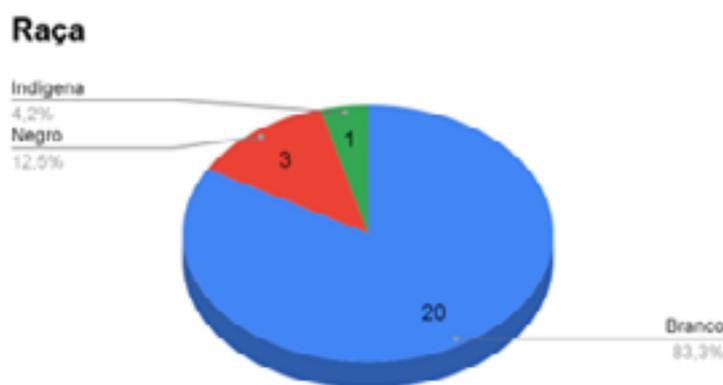
**Gráfico 4:** Distribuição do gênero dos(as) convidados(as) por número da Revista BALBÚRDIA.

Novamente, tais evidências reforçam a tese de que o compromisso pela representação de gênero na Revista BALBÚRDIA é cumprido porque o universo do Programa, ao qual a Revista é vinculada, facilita tal ação. Contudo, tais dados também apontam para a participação aquém

da esperada dos docentes homens. Uma vez que é importante que toda a comunidade do PIEC-USP se engaje na construção da revista de divulgação científica do Programa, tais dados indicam para a necessidade da Equipe Editorial promover ações para o maior engajamento dos docentes homens para com a Revista BALBÚRDIA.

### 3.2. Análise de raça nos números da BALBÚRDIA

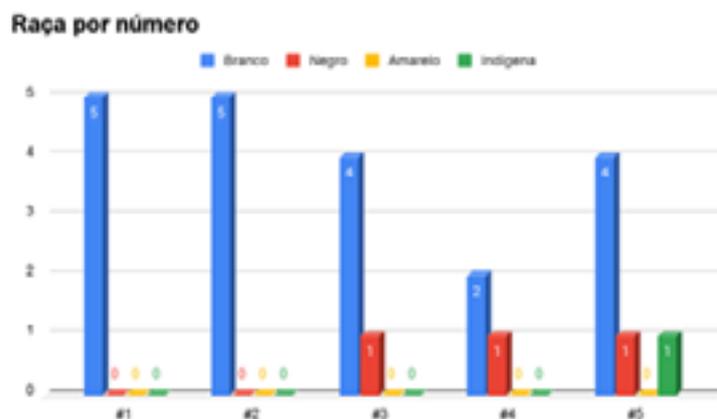
A distribuição de raça do *corpus* desta pesquisa está apresentada no Gráfico 5 e, de maneira diferente ao observado para a questão de gênero, há um desfavorecimento acentuado em relação à parcela negra da população. Os dados do PNAD 2019 mostram que a parcela negra corresponde a 62,5% da população brasileira (IBGE, 2020), porém dos(as) convidados(as) pela Revista BALBÚRDIA apenas 3 são pessoas negras. Se somarmos a representação indígena, o espaço destinado a pessoas não brancas é ocupado por 4 pessoas até o momento.



**Gráfico 5:** Distribuição dos(as) convidados(as) pela Revista BALBÚRDIA por raça.

Em relação ao universo do PIEC-USP, não temos informações em relação aos orientadores. Já na Equipe Editorial da Revista BALBÚRDIA, atualmente, dos 16 membros, 3 são pessoas negras. Com isso, verificamos que o espaço destinado a pessoas não brancas na Revista BALBÚRDIA, possui equivalência com a quantidade de pessoas não brancas na Equipe Editorial.

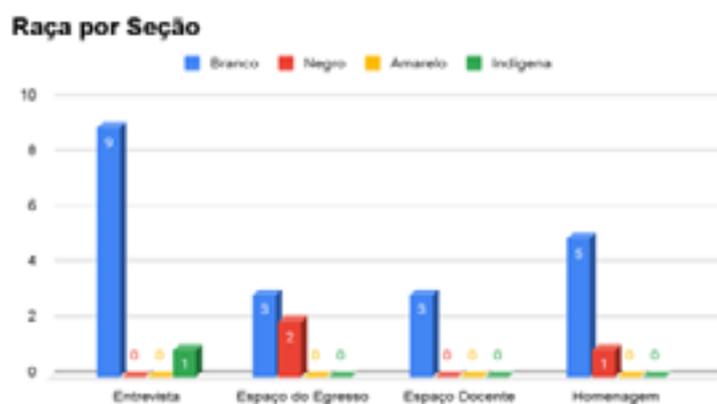
Ao organizar as informações de raça por número da Revista BALBÚRDIA, temos a distribuição apresentada no Gráfico 6. Foi a partir do número 2 que começamos a pensar de maneira objetiva nas representações de raça e gênero. Se analisarmos de maneira proporcional, temos que no número 3 houve um convite para pessoa negra em 5, no número 4, 1 em 3 e no número 5, 2 pessoas não brancas em 6. Portanto, o Gráfico 6 mostra um crescimento tímido da representação racial na BALBÚRDIA.



**Gráfico 6:** Distribuição do raça dos(as) convidados(as) por número da Revista BALBÚRDIA.

Vale mencionar que a representante indígena que aparece em nossos dados se refere à Ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, que no contexto da entrevista concorria por uma vaga na Câmara Federal por São Paulo, cargo ao qual foi eleita. Por ser professora da Educação Básica de formação e de atuação, coube a sua participação em nosso número. No mesmo número da entrevista da Sônia Guajajara, uma outra professora da Educação Básica foi entrevistada: Mônica Severo.

Esses apontamentos nos servem para pensar que, excluindo as entrevistadas do número 5, que são professoras da Educação Básica, os(as) demais entrevistados(as) são todos(as) professores(as) universitários(as) e pesquisadores(as), assim como, as convidadas do Espaço do Egresso que são ex-discentes do PIEC-USP. Não por acaso, Entrevista e Espaço Docente são as seções que menos apresentam uma representação de pessoas não brancas (Gráfico 7). Isso se explica pelo racismo estrutural que estrutura as relações de poder no Brasil, como apontado por Sílvia de Almeida (2019), dentro do qual as instituições, como as universidades públicas, não estão imunes (Ferreira; Teixeira; Ferreira, 2022; Cunha; Miranda; Rambo, 2020).



**Gráfico 7:** Distribuição de raça dos(as) convidados(as) por número da Revista BALBÚRDIA.

#### 4. BALBÚRDIA de quem? Considerações finais sobre os compromissos democráticos assumidos pela revista

A ideia de criação de políticas públicas baseadas em evidências científicas (FARIA, 2022) tem aparecido nos discursos de políticos democratas para contrapor a política negacionista da extrema direita. Nesse sentido, há interesse em saber se é possível, a partir da divulgação científica, mobilizarmos a população para a formulação de políticas públicas educacionais baseadas em evidências. Uma vez que o nosso compromisso é a construção de uma revista de divulgação científica do campo educacional comprometida com a democracia, pensar raça e gênero se torna inevitável na nossa atuação. Compreendemos que este artigo evidencia uma lacuna na nossa análise que carece ser explorada: pensar a interseccionalidade entre raça e gênero de modo a construir medidas mais tangíveis de promoção equitativas e de reparação frente à exposição das disparidades sociais.

O universo do PIEC-USP ecoa na BALBÚRDIA e explica o sucesso na representatividade de gênero e o fracasso na representatividade racial de negros(as). A partir de Almeida (2019) compreendemos que a estrutura social dificulta o acesso de pessoas negras à universidade e a progressão na carreira universitária. Contudo, o racismo estrutural não serve para suavizar a nossa falha e sim como catalisador de promoção de mudanças na nossa organização. Aqui cabe mencionar que a partir da luta dos discentes do programa, conseguimos aprovar nos editais de ingresso ao PIEC-USP a reserva de vagas de mestrado e doutorado para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiências.

Porém podemos avançar mais. Cabe a nós da Equipe Editorial atuar na reversão desse quadro de representatividade na divulgação científica de maneira mais efetiva, uma vez que pesquisadoras(es) negras(os) em Educação e Ensino de Ciências existem e estão atuantes. Pensar nesses(as) pesquisadores(as) para organizar a pauta da revista é um caminho para que a BALBÚRDIA possa cumprir sua missão democrática.

Por já pensarmos nessas questões, a BALBÚRDIA se configura como uma engrenagem desse motor de mudança na sociedade. Assim como realizado no número 2 da Revista Balbúrdia na qual dedicamos às mães pesquisadoras, propomos desenvolver uma edição especial sobre Educação das Relações Étnico-raciais, o que poderá trazer para a revista de divulgação científica maior número de pesquisadores e pesquisadoras negras e indígenas da área Educação/Ensino, em comemoração aos 20 anos da Lei 10.639/2003.

Além dessa perspectiva de ação, resultante da autoavaliação apresentada neste artigo, esperamos que nossas reflexões inspirem a comunidade de divulgadoras e divulgadores científicos a executarem os mesmos questionamentos. Afinal, concordamos com o lema da Coalizão Negra

por Direitos “Enquanto houver racismo, não há democracia” e concebemos que, em certa medida, pode ser replicada em outras lutas sociais: “enquanto houver sexismo, não há democracia”, “enquanto houver LGBTQIA+fobia, não há democracia”, “enquanto houver etarismo, não há democracia”...

## Referências

AGOSTINI, Renata. MEC cortará verba de universidade por ‘balbúrdia’ e já enquadra UnB, UFF e UFBA. **Estadão**, Brasília, 30 mai. 2019. Educação. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: Informação científica para cidadania. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>. Acesso em: 27 jul. 23.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

BARROS, Henrique Gomes de Paiva Lins. de. Quatro cantos de origem. **Perspicillum**, v. 6, n. 1, p. 57-74, 1992.

CALDAS, Graça. Divulgação científica e relações de poder. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1 esp, p. 31–42, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1espp31>. Acesso em: 4 jun. 2023.

CUNHA, Ulisses Franklin Carvalho da; MIRANDA, Cynthia Mara; RAMBO, Magale Karine Diel. Mulheres nas ciências exatas e tecnologias: um olhar para a Universidade Federal do Tocantins - UFT na perspectiva de gênero. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1754>. Acesso em: 03 jun. 23.

FAIAD, Caio Ricardo; LIMA, Gabriela Aparecida de; REZENDE, Daisy de Brito. A representação étnico-racial nos cadernos de ciências da natureza das redes municipal e estadual de São Paulo. **Revista da ABPN**, v. 11, Ed. Especial, p. 90-108, dez. 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/775>. Acesso em: 03 jun. 23.

FAIAD, Caio Ricardo; REZENDE, Daisy de Brito. **Análise descritiva dos autores de obras literárias das pesquisa em ensino do enpec (2003-2019)**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 13, 2021. [evento virtual]. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2021, p. 1-9. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/76104>. Acesso em: 27 jul. 23.

FARIA, Carlos Aurelio Pimenta de. o Movimento das Políticas Públicas Baseadas em Evidências: uma radiografia crítica. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 97, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/577>. Acesso em: 27 jul. 23.

FERREIRA, Edimara Maria; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano; FERREIRA, Marco Aurelio Marques. Prevalência racial e de gênero no perfil de docentes do ensino superior. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 303-315, maio-ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e84603> Acesso em: 03 jun. 23.

FONTANETTO, Renata Maria Borges. **Divulgação científica e gênero**: o olhar de jovens mulheres para a temática mulheres nas ciências em vlogs. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica, Tecnologia e Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Caca de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, p. 238, 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/50592> Acesso em: 03 jun. 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Características gerais dos domicílios e dos moradores 2019. PNAD Contínua. 26 mai. 2020. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf)

LEHER, Roberto. **Autoritarismo contra a universidade**: o desafio de popularizar a defesa da Educação pública. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de. Divulgação... De qual ciência? Diálogos com epistemologias emergentes. In: ROCHA, Marcelo Borges; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de (orgs). **Divulgação científica: textos e contextos**. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 1-11, 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, CES, 2010, p. 84-130.

RAMALHO, Teodorico de Castro. A importância da comunicação e divulgação científica. **Ciência em Prosa**, p. 8-9, 2018. Disponível em: <https://ciencia.ufla.br/todos-livros/566-a-importancia-da-comunicacao-e-divulgacao-da-ciencia>. Acesso em: 27 jul. 23.

VALÉRIO, Marcelo; BAZZO, Walter Antonio. O papel da divulgação científica em nossa sociedade de risco: em prol de uma nova ordem de relações entre ciência, tecnologia e sociedade. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 25, n. 1, p. 31-39, 2006. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/cobenge/legado/arquivos/14/artigos/SC-10-29987920900-1117474585219.pdf> Acesso em: 4 jun. 2023.

## Sobre os autores

### **Caio Ricardo Faiad**

Doutorando no Programa Interunidades em Ensino de Ciências (PIEC-USP)  
email: profcaiofaiad@gmail.com

### **Daiane Mendes de Barros**

Mestranda no Programa Interunidades em Ensino de Ciências (PIEC-USP)

### **Luciene Fernanda da Silva**

Doutora em Ciências (PIEC-USP) e Professora do IFRJ-Nilópolis

### **Anderson Ricardo Carlos**

Doutorando no Programa Interunidades em Ensino de Ciências (PIEC-USP)

### **Caian Cremasco Recepti**

Doutorando no Programa Interunidades em Ensino de Ciências (PIEC-USP)